



Racismo científico: seu papel intrínseco e enraizado no comportamento coletivo

Jeovana Christina da Silva | bluebanisters2024@gmail.com¹
Bruna Heloísa Silva Raiol | bruna.raiol@ifsc.edu.br²

Trabalho de Ensino e Pesquisa

DT 3 - Educação, Cidadania, Desenvolvimento Social e Práticas Inclusivas

Resumo:

Este estudo investiga a persistência do racismo científico, suas origens e impactos sociais. O objetivo é desmistificar essa pseudociência que, disfarçada de verdade científica, justificou discriminação. A metodologia inclui uma revisão de literatura histórica, utilizando fontes confiáveis para contextualizar a evolução do racismo. Os resultados revelam que o racismo científico é enraizado em tradições coloniais e manipulações sociais que ainda influenciam a sociedade contemporânea. A análise destaca a interseção entre capitalismo e racismo, mostrando como interesses econômicos perpetuam desigualdades. Conclui-se que a desconstrução do racismo científico é um desafio significativo, exigindo educação e discussão contínuas.

Palavras-chave: racismo científico; evolução do racismo; pseudociência; comportamentos discriminatórios; manipulações sociais.

Introdução

O racismo científico é fundamental para entender a persistência de ideologias prejudiciais na sociedade moderna. Este trabalho aborda a intersecção entre ciência e preconceito, revelando como a pseudociência moldou percepções sociais e políticas. A necessidade de dismantlar narrativas é essencial para promover uma sociedade equitativa.

A escolha do tema originou-se das aulas de Gestão do Talento Humano do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio, focando no autoconhecimento e relações humanas. Buscou-se contextualizar o preconceito primitivo e o comportamento social, ressaltando a importância de gestores conhecerem o racismo científico para evitar desinformação.

¹ Jeovana Christina da Silva | Curso Técnico de Administração Integrado ao Ensino Médio do IFSC.

² Bruna Heloísa Silva Raiol | Pedagoga Docente do campus Tubarão do IFSC.

Fundamentação teórica

Historicamente, na Antiguidade, o conceito de raça, tal como o compreendemos atualmente, não tinha expressão, e as ideias modernas sobre racismo estavam completamente ausentes. Nesse período, o etnocentrismo prevalecia, promovendo a crença de que cada cultura possui uma forma de superioridade em relação às demais. O sociólogo William Graham Sumner foi um dos pioneiros a sistematizar essa ideia no século XIX, afirmando que "as interações sociais são moldadas pela percepção de superioridade cultural" (Sumner, 1906). Esse entendimento inicial foi fundamental para a construção de narrativas que legitimam desigualdades entre os diferentes grupos humanos. O racismo científico, frequentemente disfarçado sob a aparência de verdades absolutas, continua a exercer influência na cultura contemporânea, resultando em práticas discriminatórias que se manifestam em diversas esferas sociais e políticas.

O racismo científico é compreendido como uma ideologia que utiliza supostas evidências científicas para justificar a hierarquização entre as raças, atribuindo características superiores ou inferiores a diferentes grupos humanos. Segundo o autor seminal Eduardo Castro (2021), "o racismo científico se fundamenta na ideia de que as diferenças físicas entre os grupos humanos têm uma base biológica que pode ser utilizada para justificar a desigualdade social e econômica". Essa distorção não deve ser vista como uma preocupação apenas do passado, pois sua relevância persiste na atualidade. Autores contemporâneos, como Silva e Almeida (2023), enfatizam que "a persistência de ideias racistas em discursos acadêmicos e científicos representa um desafio significativo para o combate à discriminação racial". Essa resistência a questionamentos críticos revela a necessidade de um diálogo contínuo e aprofundado sobre as estruturas de poder que sustentam tais crenças.

Ao incluir uma revisão minuciosa da literatura histórica e sociológica, este referencial facilita uma compreensão mais aprofundada das implicações sociais do racismo científico, contextualizando suas origens e evolução ao longo do tempo. A análise de eventos cruciais, como o surgimento do Darwinismo e da eugenia, demonstra de maneira clara como essas ideias foram utilizadas para legitimar desigualdades sociais, conforme apontam Gossett (1997) e Quijano (2000). Além disso, as discussões com diversos atores sociais enriquecem a perspectiva sobre o impacto do racismo, enquanto a

participação ativa de uma estudante do Curso Técnico de Administração traz uma nova dimensão ao diálogo intergeracional. A sistematização de dados e informações permite identificar padrões que evidenciam a interseção entre teoria e prática, como discutido por Silva e Almeida (2023). Essa abordagem multidisciplinar possibilita uma análise mais complexa e abrangente das diversas dimensões do racismo científico, ressaltando a necessidade urgente de um combate efetivo a essa problemática social que ainda persiste em nossos dias.

Procedimentos metodológicos

A metodologia deste estudo foi elaborada para proporcionar uma compreensão aprofundada sobre o racismo científico e suas implicações sociais ao longo da história. A abordagem adotada foi multifacetada, incluindo revisão de literatura, análise histórica e discussões com autores sociais. Primeiramente, realizou-se uma revisão da literatura histórica e sociológica, utilizando desde autores clássicos até pesquisadores contemporâneos. Essa etapa foi essencial para contextualizar as origens e a evolução do racismo científico, identificando suas raízes no colonialismo e em teorias pseudocientíficas. Em seguida, o estudo focou em eventos significativos, como o surgimento do Darwinismo e da Eugenia no século XIX, que serviram como base para a propagação de ideias racistas, fundamentando-se em textos científicos que permitiram um entendimento crítico das narrativas que justificaram a discriminação.

O trabalho envolveu uma estudante do Curso Técnico de Administração integrado ao Ensino Médio. A sua interação com a unidade curricular e a leitura de especialistas em Sociologia e História foram cruciais para enriquecer as perspectivas apresentadas. Os dados obtidos foram sistematizados, destacando a interseção entre capitalismo e racismo e, como interesses econômicos, perpetuam desigualdades. Essa análise foi fundamental para identificar os impactos sociais contemporâneos do racismo científico, tema central trazido pela autora principal. Por fim, espera-se que esse exercício contribua para a desconstrução de preconceitos e a promoção de uma cultura de respeito nas relações interpessoais e profissionais, incentivando a educação contínua sobre o tema dentro da comunidade escolar e além. Através deste procedimento metodológico, o estudo almeja não apenas informar, mas também transformar a percepção sobre o racismo científico, estimulando um diálogo crítico e consciente.

Resultados e discussões

O darwinismo social e a eugenia mostram semelhanças com o racismo científico. Georges Vacher de Lapouge defendia que as raças se dividiam em superiores e inferiores. O darwinismo social, com seu viés racista, focava no conflito entre raças, não indivíduos.

Teóricos como Joseph Gobineau e Houston Chamberlain fundamentaram as bases do fascismo com suas teorias racistas. A divisão clássica das raças não é mais aceita pela ciência moderna.

Figura 1 – Famosa frase de MalconX



Fonte: Jornal A Verdade. Disponível em <https://pcb.org.br/portal2/17413>. Acesso em: 29 abr.2026.

Considerações finais

Paul Broca defendia que diferentes formas e proporções cranianas afetavam a capacidade de indivíduos de várias etnias. Essa e outras teorias ainda ecoam na sociedade, perpetuando estigmas. Apesar do avanço na rejeição de ideias racistas, o preconceito racial persiste. Os ideais racistas surgiram no século XVIII e se tornaram populares no XIX, culminando no racismo científico.

Este trabalho buscou narrar essa história, evidenciando que, mesmo sem a pseudociência, o preconceito racial continua presente. Por isso, retificamos: Através deste estudo, almeja não apenas informar, mas também transformar a percepção sobre o racismo científico, estimulando um diálogo crítico e consciente, inclusive nos nossos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs).



Referências

- BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: repercussão na sociedade e na educação brasileiras**. Educar em Revista, Curitiba, n. 12, p. 153-165, 1996.
- GOSSETT, T. F. **Race: the history of an idea in America**. Austin: University of Texas Press, 1997.
- LIMA, J. **Políticas públicas e racismo: uma análise crítica**. Journal of Social Studies, 2022.
- MENDES, Rafael Pereira da Silva. **"Darwinismo social"**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/darwinismo-social.htm>
Acesso em: 29 abr. 2026.
- NETTO, Letícia Ferreira. A ciência justifica preconceitos? Entenda o que é o racismo científico. Ecoa UOL, São Paulo, 12 dez. 2022. Disponível em: uol.com.br.
Acesso em: 29 abr. 2026.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e a modernidade**. In: A colonialidade do saber. [s.l.]: [s.n.], 2000.
- SILVA, R.; ALMEIDA, P. **A persistência do racismo científico na academia**. Estudos em Ciências Sociais, 2023.
- SUMNER, W. G. **Folkways: a study of the sociological importance of usages, manners, customs, mores, and morals**. Boston: Ginn & Company, 1906.
- VILAR, Leandro. **O racismo científico: da teoria à prática**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10394>.
Acesso em: 29 abr. 2026.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Racismo Científico: Uma Crítica Contemporânea**. Revista Brasileira de Antropologia, v. 65, n. 1, p. 45-67, 2021.